

Portugal, a Nação Adormecida no Tempo: Enquanto o Leste nos Ultrapassa

Publicado em 2025-05-21 13:22:47



Há uma dor surda que acompanha quem ama esta terra e observa, década após década, o declínio tranquilo de um país que parece ter abdicado do seu futuro. Portugal, berço de navegadores e poetas, está hoje à beira do esquecimento europeu. Não pelo que foi, mas pelo que deixou de ser.

Enquanto países da antiga URSS se reinventam, inovam e ultrapassam os nossos índices de desenvolvimento, Portugal estagna. A cauda da Europa tornou-se confortável, quase uma identidade nacional — como se a mediocridade tivesse sido adotada como desígnio.

Mas porquê? Porque é que Portugal está cada vez mais atrás, mesmo sendo membro da União Europeia há quase 40 anos?

1. Um sistema político fechado, viciado e impermeável

A política tornou-se um jogo de cadeiras entre os mesmos partidos e famílias ideológicas. Os talentos afastam-se; os oportunistas prosperam. A democracia representativa tornou-se um teatro de sombras onde o povo só é convidado de quatro em quatro anos para aplaudir ou vaiar — mas nunca para decidir.

2. A burocracia como instrumento de imobilismo

O empreendedor que ousa criar esbarra com licenças, certidões, impostos e silêncios administrativos. Portugal afoga os seus inovadores num mar de papelada. A máquina do Estado, em vez de facilitar, complica. E os que tentam remar contra a maré, cansam-se.

3. Educação para obedecer, não para criar

A escola portuguesa continua a formar bons repetidores e maus sonhadores. A criatividade, a ousadia e o pensamento crítico são vistos como problemas, e não virtudes. O resultado? Exportamos cérebros e importamos mediocridade formatada.

4. Carga fiscal sufocante e fuga de talento

Os impostos não recompensam quem trabalha nem quem arrisca. Os jovens partem. Os que ficam, resignam-se. Somos o país onde o talento é punido e a esperteza compensada.

5. Turismo como vício económico

Enquanto os países de Leste investiram em tecnologia, indústria de ponta, investigação e serviços digitais, Portugal ficou a servir cafés com vista para o mar. Não há mal em ser bonito. O problema é não saber ser mais nada.

6. Corrupção impune, Justiça cega

A promiscuidade entre política, negócios e justiça destrói a confiança social. Os casos sucedem-se — e prescrevem. Os culpados jantam em restaurantes caros e escrevem livros de autoajuda.

7. Um país velho e com medo de nascer de novo

A natalidade é das mais baixas da Europa. A juventude sente-se desenraizada. A esperança tornou-se artigo de luxo. As reformas não vêm. As revoluções já não se fazem.

8. Um povo resignado, domesticado pelo fado e pelo futebol

O conformismo tornou-se património imaterial da nação. Ouvem-se lamentos, mas não gritos. Há crítica, mas não ação. A indignação foi educadamente convidada a sair.

Enquanto isto, **Estónia, Polónia, Eslovénia, Lituânia** — países que há três décadas tinham estradas de terra batida e economias ruinosas — hoje investem em inovação,

digitalização, transparência e mérito. E nós? Ficámos a olhar o pôr-do-sol.

Ou Portugal acorda... ou será ultrapassado até por quem ainda nem nasceu

É urgente rasgar os papéis velhos. É urgente libertar os talentos amordaçados. É urgente devolver o poder ao povo que o perdeu sem nunca o ter realmente tido. Porque se não mudarmos o sistema — o sistema mudará por nós, e talvez o faça para pior.

Quando o povo não tem voz, os extremos falam mais alto. E o fim da partidocracia será não um ato de inteligência, mas uma questão de sobrevivência.

Portugal não precisa de mais turistas. Precisa de mais visionários.

Por [Francisco Gonçalves](#) in Fragmentos de Caos

Imagem cortesia de OpenAI (c)

Escrever no Vazio

Um desabafo sobre o silêncio que sufoca quem ousa pensar. Uma reflexão sobre o ato de escrever num país que prefere calar.

Ler o artigo completo